

ADRIANE GARCIA



PARA ADULTO

PERDER O SONO



FABULAS

Este é um livro para tirar o sono. Voltando às fábulas, eternizadas por Esopo e La Fontaine, os poemas substituem os ensinamentos morais por cenas e imagens em que sobressaem a dor, a tristeza, o abandono, a ironia, em construções que nem sempre abdicam do tom instrutivo. Mas o que se ensina é sempre desviante em relação ao modelo.

Estamos, portanto, diante de um livro que encontra grande parte de sua força na paródia: reconhecemos o texto original e constatamos sua alteração em sentido oposto, quando emerge o gosto pelo transtorno, pela deformação, pelo rebaixamento, sem que falte a tudo isso *humour* e lirismo. Em tais deslocamentos de sentido, sempre em direção a algo que parece nos ameaçar do fundo das histórias que chamamos de *infantis*, vemos, por exemplo, a Bela Adormecida substituída por uma Bela Acordada, que tece sua própria camisa de força. Ou ainda, diante do espelho, a conhecida personagem que se vê acuada pela dúvida de que haja uma beleza maior que a sua dá lugar a um plural que nos inclui: “no fim somos monstros”. Sem condescendência, nosso retrato prossegue: “umas coisas / acostumadas com espelho: / órfãs de estranhamento / recusadoras de bom-senso”.

Mais que paródia, poemas pautados pela perversão; e não só em torno de fábulas se fazem, pois vão buscar também personagens de filmes, contos, narrativas da tradição oral, enfim, lá onde o universo infantil alguma vez foi usado com o intuito de deleitar ou ensinar. Os versos ganham força ainda por uma certa contradição: rápidos e leves, de grande simplicidade sintática, lexical e mesmo metafórica, os poemas de *Fábulas para adulto perder o sono* guardam a naturalidade e a transparência comunicativa do modelo — as narrativas para crianças e jovens — que eles, simultaneamente, recusam.

Sexo, loucura, morte, melancolia saltam à frente e, de fato, nos surpreendem, mas não porque tais aspectos estivessem ausentes dos contos de fadas, das fábulas ou dos filmes de Hollywood; mas porque os poemas retornam àqueles textos com franqueza e desafeção para trazer à cena o que talvez desejássemos esquecer: aqueles traços que aqui se exibem também como próprios do universo da poesia — desvio, vazio, erotismo, pulsões inconscientes, deslocamentos do senso comum, enfim, um confrontar-se com estabilidades lógico-utilitárias e morais.

Adriane Garcia nos dá, portanto, poemas-fábulas que ensinam por um método oblíquo, assustador, irônico e insone.

Eucanaã Ferraz



CARLOS MAGNO

ADRIANE GARCIA nasceu em 1973 em Belo Horizonte (MG), onde vive e trabalha como funcionária pública. Cursou História na Universidade Federal de Minas Gerais e se especializou em Arte-Educação pela UEMG. É teatro-educadora e atriz. Escreve poesia, contos e dramaturgia, além de infanto-juvenis. *Fábulas para adulto perder o sono* é o seu primeiro livro publicado.



BETO RICHA
Governador do Estado do Paraná

PAULINO VIAPIANA
Secretário de Estado da Cultura

VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

ROGÉRIO PEREIRA
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

IVENS MORETTI PACHECO
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2013

LUIZ REBINSKI JR.

MARCIO RENATO DOS SANTOS

OMAR GODOY

**COMISSÃO JULGADORA DO
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2013**

Prêmio Helena Kolody | Poesia

ALBERTO MARTINS

EUCANAÁ FERRAZ

RODRIGO GARCIA LOPES

Projeto gráfico | Capa | Revisão
Preparo de originais | Produção gráfica

RETINA 78

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Garcia, Adriane.

Fábulas para adulto perder o sono / Adriane Garcia. -
Curitiba, PR : Secretaria de Estado da Cultura : Biblioteca
Pública do Paraná, 2013.
p. 84; 21 cm.

"Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2013 -
Categoria Poesia."

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.1





ADRIANE GARCIA

FABULAS

PARA ADULTO PERDER O SONO



Sumário

Os artistas	07
O lobo mau	08
Penélope no último dia	09
Branca envelhece na neve	10
Para a enteada	11
A princesa e o mentiroso	12
Sem neve	13
Sob os dosséis	14
A noiva	15
Dalila em fases	16
A Fera e a Fera	17
E o rato roeu a roupa...	18
O sapo e a princesa	19
Florinda e Yoringal	20
O patinho feio	21
Personagens	22
Proibido para infâncias	23
A lagoa	24
A apresentação	25
Diamante	26
O pesadelo	27
Cachinhos espetados	28
De horror	29
A Madrasta de Bobinha	30
Era uma vez...	31
Bela Acordada	32
A santa	33
O elefante e a formiga	34
A heroína	35
Desastrada	36
Gosto ruim	37
Na porta	38
O céu dos cachorrinhos	39
Os dois querubins	40
Menina, pássaro e solução	41
Dorothy estende a mão	43

Dorothy no espelho	44
Logo, Dorothy existe	45
Rapunzel escrevendo carta	46
No dia do casamento	47
Romeu e Julieta	48
A senhora de chapéu	49
Florzinha	50
Reflexo	51
A pequena sereia na cozinha	52
Negações	53
A mãe do Senhor	54
O filho de Senhorinha	55
Vovozinha diabética	56
Por que escrevo	57
Abre-te, sésamo	58
Joãozinho e Maria	59
A florista	60
Gata borralheira em três pedaços	61
A menina dos fósforos	62
A fome	63
Os três porquinhos	64
O desempregado	65
Nem vinte colchões disfarçam o incômodo	66
De Minerva	67
Era uma vez um casal muito pobre...	68
Pão para seis	69
Zé Pequeno	70
Ceticismo	72
É sempre lua cheia	73
O morcego	74
Enquanto o Seu Lobo não vem	75
Nas nuvens	76
O anjo Samael aparece na porta	77
Quem ri por último	78
Pinóquio	79
Que a Cuca veio pegar	81

OS ARTISTAS

Os artistas são aqueles que veem
Chifre em cabeça de cavalo:
São deles os unicórnios.

O LOBO MAU

Tinha orelhas grandes
Mas não eram para me ouvir
Melhor
Tinha nariz grande
Mas não era para me cheirar
Melhor
Tinha mãos grandes
Mas não eram para me acariciar
Melhor
Tinha boca grande
Mas não era para me comer
Melhor
Sentei-me na soleira da porta
E devorei a cesta.

PENÉLOPE NO ÚLTIMO DIA

Esperar Ulisses
Sem fios
Esperar Ulisses quando sem mais não alcanço senão
Minha agulha
Prefiro bordar, Ulisses
Enfiar na borda o vermelho púrpura
Onde talvez se banhe, oh, não!
Achem para mim meus cabelos, escravas
Preciso tecer de loucura o furor que entre
As pernas soluça: Ulisses
Preciso aplacar o calor que mesmo agora no frio
Nua
Desfiei minhas vestes...

É muito o tempo
Todo o tecido apodreceu...

Levem-me ao mar.

BRANCA ENVELHECE NA NEVE

Morta, aguardando sopro
Beijo alheio de vida
No féretro

Somente os chilreios dos pássaros
No péssimo humor, despercebidos

Há tanto tempo passam homens
E bolinam, mesmo copulam
Muitos
Com a morta

O corpo duro não repõe
Fluidos
Não há o rosto angélico do que foi
Outrora:

Cada vez mais é mulher
No espelho.

PARA A ENTEADA

O espelho, espelho meu
Dizia que qualquer uma
Era mais bela do que eu

E eu acreditei anos a fio
Nesse presente
Que a Madrasta me deu.

A PRINCESA E O MENTIROSO

Enganou-me dizendo que tinha
Fazendas
Lavouras que administrava ele mesmo
Mas
Tudo que tinha
Era
Um gato
Em que calçava botas para não dar a entender que
Sua consciência era escrava

E cá estou eu
Dormindo com o
Nunca havido
Marquês de Carabás.

SEM NEVE

Para haver final feliz
Ela precisava ser necrófila
Ver o homem no caixão
Erguer a tampa e beijá-lo
Num beijo apaixonado
Que a Morte é exigente
E não faz troca por bobagens

Não tendo a perversão necessária
Tomou medida, dominou asco
A boca do moço cheirava à maçã
Mofada
Mas ainda era cheiro

A Morte sentiu-se enganada
E vingando-se, acordou meio homem
Foi assim que se casou com os príncipes
Desencantados.

SOB OS DOSSÉIS

Toda noite morríamos mais um pouco
Fingindo que
Nosso cavalo era o unicórnio encantado:
Pangaré estava manco e deveria ser sacrificado.

Toda noite morríamos mais um pouco
Fingindo que
O beijo dele me despertava:
Eu era movida para o tédio e o nojo.

Toda noite morríamos mais um pouco
Fingindo que
Nosso castelo era por toda a eternidade encantado:
Eram rachaduras que formavam nosso teto.

Mas toda noite morríamos, toda noite insistíamos
Mais um pouco:
Porque não fomos
Felizes para sempre.

A NOIVA

Só depois da meia-noite
Quando apenas zumbis estiverem
Poderei visitar-te,
Noiva proibida

Não saberia teu nome
Entre tantas vozes
Canso-me deveras
Ouvir zumbidos

É muita luz
Quero a escuridão
De tua cova
Podre

Podre que sou
Podres que somos
E só eu e tu, Noiva
Admitimos.

DALILA EM FASES

Caótica eu bebo a lua

Caótica eu ergo a tesoura

Caótica eu lhe seguro os cabelos

Caótica eu arruíno Sansão.

A FERA E A FERA

Bela não teve medo
Dos cabelos desgrenhados
Dos olhos arregalados
Do pelo escondendo o corpo
Dos dentes raivosos à mostra
Das mãos sujas de carne
Crua, de restos comidos
Dos dedos de unhas crescidas
Da barriga arredondada
Cheia de cobras e sapos
Do sexo esfaimado
Sem cortesia de homem
Das pernas tortas gigantes
Dos pés de bicho do mato
E amou-o de tal maneira
Que deixou minguar-se a beleza
E tornou-se fera com ele.

E O RATO ROEU A ROUPA...

Todos viram a roupa

E o rei viu a roupa

(jamais tão bela as tivera antes)

Saiu orgulhoso com seu corpo

Curado de há tanto não ter ilusão

Só uma criança não viu

Dessas viciadas em televisão.

O SAPO E A PRINCESA

O sapinho Croac-Croac
Aparece na janela
Toda noite a mesma coisa
Faz serenata pra ela

Malabares, se contorce
Na esperança de um beijo
Ela nada, vira e dorme
Fica adiando o desejo

O sapinho Croac-Croac
Sofre, finge realeza
Nem sabe que ela é sapa
Disfarçada de princesa.

FLORINDA E YORINGAL

– Yoringal! Yoringal!

Canta, sonha o rouxinol

– Yoringal! Yoringal!

Clama, chora o rouxinol

– Yoringal! Yoringal!

– Onde estás, meu rouxinol?

Rouco, morre o rouxinol:

– Yoringal... Yoringal...

O PATINHO FEIO

No primeiro quá-quá
Que disse
Já havia sido interrompido:
– É quém-quém, é quém-quém!

E foi informado que seu ovo
Nasceu quadrado
Quebrou do lado errado
E incomodava por ter quina

Todos os bichos do curral, da sala, do quintal
Eram-lhe muito diferentes
E tentou ser cada um deles, sem sucesso.
Soluçava...

Um dia sonhou com um cisne
Grannnnnnnnnnnnnnnnnnnde
Que sem nenhum soluço lhe dizia:
– Vai procurar a sua turma!

PERSONAGENS

No Grande Hospício
Eu penso que eu sou eu
Tu pensas que tu és tu
Ela pensa que ela é ela

E ele pensa que ele é ele
Nós pensamos que nós somos nós
Vós pensais que vós sois vós
E eles pensam que eu sou louca.

PROIBIDO PARA INFÂNCIAS

Sou Peter Pan
Na terra do Nunca Diga Nunca
E aqui tudo pode
Menos
Voar.

A LAGOA

Suas águas reluzem
Como mil peixinhos trazendo estrelas na boca
E apresentando ao sol como pretendentes.

A APRESENTAÇÃO

Não fui a Linda Rosa Juvenil.

Fui o muro:
Lugar de lamentações.

E lamentei o quanto
Não pude.

DIAMANTE

Ninguém compreende
Os pedaços de carvão.

O PESADELO

Foi um pesadelo
A forca no alto penhasco
Como um cruzeiro

O carrasco com o capuz
Pôs-me a corda e empurrou
Tudo rápido
O tempo de estalar a cervical

Depois o carrasco fez uma reverência
E tirou o capuz:
Era eu.

E o povo lá embaixo aplaudia.

CACHINHOS ESPETADOS

Cresceu ingênu
Ou era amnemônica.
Fato é que enfiava várias vezes
O dedo na tomada.
O choque corria o corpo
E queimava outro neurônio...
Um a menos
Na luta contra a tomada.

DE HORROR

A criatura escalou-me
O pescoço
E cravou-lhe os dentes.
O pior é que eu gostei.
Naquele tempo
Qualquer sombra
Era boa companhia.

A MADRASTA DE BOBINHA

– Bobinha!

Achavas mesmo que feliz para sempre pararias

De manchar o papel com tinta?

Ah! Bobinha!

Tiveste até medinho de perderes

O Dom, Bobinha?

Vou ter que te esfregar a cara nas pedrinhas

E mostrar no espelho a tua carne

Toda arreventada:

Senta!

Escreve teu conto de fadas!

ERA UMA VEZ...

Sim, eu era uma princesa...

Não uma princesa delicadinha, não...

Uma princesa guerreira, que foi disputada

[por valentes guerreiros e um leão

E o leão vencia e era transformado no príncipe

[das Sete Tribos do Norte e...

Então o meu casamento com ele, quero dizer, da princesa

Fazia com que finalmente houvesse paz no reino das...

Batalhas.

BELA ACORDADA

Coitada, quando nasceu
Uma fada não foi convidada
E rogou a maldição terrível
Inversa ao do pobre rei Midas:
Tudo que tocares, arruinarás.
Não adormeceu por cem anos
Nenhuma bênção acometida
Destruiu tudo, era sina
E passou bem acordada.
Por fim ela própria teceu
Na roca quebrada
A camisa de força.

A SANTA

A santa subiu o morro, descalça,
Distribuindo todos os seus pertences.
Raspou a cabeça
Aos alopecicos,
Deixou a bolsa
Aos famintos,
A roupa,
Aos desnudos
E continuou subindo...
Nua em pelo
Deitou-se com os necessitados
De alívio:
Foi malvista
E doou seus olhos
Aos cegos.

O ELEFANTE E A FORMIGA

Quer que eu fique
Desconhecendo
A força
Em minhas quatro patas.

Quer que eu fique
Com a formiga
Um mamute
Negando a raça.

Quer que eu fique
A qualquer custo
Elefante branco
Atado à corda fraca.

A HEROÍNA

Minha mãe é como
Aqueles filmes de terror
Sexta-feira 1
Sexta-feira 2
Sexta-feira 13

É como personagem
Animado, de desenho
Que cai, explode, amassa
E nunca morre

Lá está ela, em cores, no próximo capítulo...

Sou filha do indestrutível.

DESASTRADA

Tenho uma varinha de condão
E uma marca de nascença num braço:
Quero e acontece.

Só eu percebo magia
Enquanto sorvo a sopa.
Meu feitiço é lento:
Às vezes, contra a feiticeira
Sempre, tarde demais.

GOSTO RUIM

O peixe tinha fome
Qualquer isca era boa
Há tempos não vinha uma sombra
Para cevar a água

O peixe morreu pela boca
Viu vantagem no anzol
Qualquer isca era boa
Pra quem só comia migalhas.

NA PORTA

As ilusões vêm bater na porta
Todas umas bobocas bem vestidas e atraentes
Eu já as sei de nome e digo
– Voltem amanhã. Elas voltam.
Às vezes deixo entrar, são tão bonitas
E logo as ponho para fora, impertinentes.
Umas chatas, umas moiras, umas crentes.

O CÉU DOS CACHORRINHOS

Definhávamos.
Os olhos do cão
Eram duas estrelas molhadas
E os meus,
Mas disfarçamos.
E trocamos um afago final
No meu colo dolorido.
Morremos assim, os dois.
Eu fui para um céu,
Ele foi para o outro.

OS DOIS QUERUBINS

Dois querubins se perderam
Na infinitude do céu
Mas querubins não têm mãe
E se alimentam de nuvens

Correram com os pés gordinhos
No algodão firme dos nimbos
E se banharam de espuma,
Nos lagos azul-miragem

Foram só dois desde sempre
Ninguém deu falta ou notou
E perdidos, achavam eco,
Conforto na voz do outro.

Longe do exército divino
Cresceram em liberdade
E inocentes, descobertos
Os corpos, o sexo angélico.

MENINA, PÁSSARO E SOLUÇÃO

Passarinho caiu do
Ninho
Piou
Nenhuma mãe quis
Mais
O passarinho
E a menina vendo-o
De longe
Ouvindo
Seu pio

Pegou
Nas mãozinhas
E cuidou
Até que crescesse e
Cantasse
Sem
Gaiola
Voasse
Chorou
De
Saudade
A menina
Do canto
E
Disseram que esperasse:

– ele volta
Não voltou
E o tempo
Passou
E a menina, moça, mulher, velha quase
Sem força
Ouviu num dia
De acaso
Um jingle
Na TV
Que certeza
Tinha a voz
Do passarinho.

DOROTHY ESTENDE A MÃO

Caminhava de sapatos vermelhos
Quando
Meus passos deram um soluço
E estendeu-se a mim a mão
Em concha
Cofre vazio de moedas
Era mão de sulcos, perspectiva, sangue
Real como feita por Michelangelo
Mas esta trazia manchas
Nódoa, poeira, mágoa.
A minha mão solidária, também mão
Deu-lhe o metal que tilintou
Uma vez
Enquanto guardava meu gesto
No coração do Homem de Lata.

DOROTHY NO ESPELHO

Coragem, Dorothy.
Tens um sapato vermelho.
Coragem, Dorothy.
Tu podes abrir a porta.
Coragem, Dorothy.
Também no creo en las brujas
Pero ellas no existen.
Isso, Dorothy!
Ou tu entras ou ficas aqui
Paralisada para sempre, Dorothy
Enquanto a neve te faz estátua.
Olhe, Dorothy, do outro lado
Há um espelho, encare:
És tu, Dorothy, o bicho
Tu és, Dorothy, o leão.

LOGO, DOROTHY EXISTE

A rua das Esmeraldas é verde
Os sapatos de Dorothy, vermelhos
E dois mais dois é uma força e tanto.

O outro não é o outro
O outro também é Dorothy
Noutras possibilidades.

Dorothy lê um livro
E sabe que só chegam
Palavras plantadas em seu coração.

Dorothy grita não,
Que já aprendeu este sim
Que é dado a si mesma.

O poder do Mágico, Dorothy
Conhece de perto
E sabe
Que Deus é ciência pura
No lápis do físico quântico
Ou nos joelhos doloridos que rezam

Dorothy não despreza milagre
E duvida.
Dorothy ganhou um cérebro.

RAPUNZEL ESCREVENDO CARTA

Moço, eu imploro, me salve
Que estou numa torre apertada
Feito um quarto de empregada

Aqui tem uma janela
Mas meu cabelo caiu
Um a um.

A bruxa, moço, cuidado
Apossou-se de meu esqueleto
E chacoalha dentro de mim.

E toda noite gargalha
Pro dragão que vigia a entrada
Vir, bestial, usar meu corpo.

Moço, eu imploro, me salve
Até os passarinhos conhecem
A fama da sua espada.

E se me encontrar não confunda
O último pedido de meus olhos:
O golpe de misericórdia.

NO DIA DO CASAMENTO

A negra entrou sorrateiramente
No quarto
E ficou a sós com o branco
Vestido.

Tesoura em punho
Furou-o cem vezes,
Todas com requintes de crueldade.

E enquanto não se deram
Em sangue
Os farrapos,
Não parou de chorar seu riso.

ROMEU E JULIETA

Depois que chegaram ao Inferno
(Falha de comunicação seguida de suicídios)
A Capuleto passou a chorar desesperadamente
Os insultos que o Montecchio
Dirigia-lhe pela eternidade sulfúrica.

A SENHORA DE CHAPÉU

A falsidade quando quer instalar-se
Veste roupa bonita e pede entrada
Treina sorrisos como quem não invade
Bate na porta e espera.

Falsidade tem sempre um chapéu
Que esconde um chifre proeminente
Às vezes dois, às vezes, cobras
Que um olhar inocente petrificam.

A falsidade tem nome de amigo
Blasfema a mais pura poesia
Põe asas de ganso, coroa Maria
Entrega palmas de espinhos.

Falsidade arranca lágrima
De peitos eternamente vítimas
Da insistência de amar o humano
Da decência de crer no mundo.

FLORZINHA

Florzinha é uma flor de formosura
Fala mansinho, voz fininha
Vive com medo, Florzinha
Fecha a porta se alguém vem
Florzinha tem espinhos sensíveis
Para lançar ao menor carinho
O medo de florzinha disfarça
Insetos, e os vê ferozes
A boca de Florzinha é um doce
Que atrai gente desavisada
Que quando percebe está dentro
Na gosma grudenta, melada.

REFLEXO

No fim somos monstros
Costurados;
Com sorte, de carinha boa.
Um momento aqui,
Outro ali,
Um corpo de boneco
Flácido.
Com cor, se colcha de retalho,
Quando há alegria de artesanato.
Se não, pano cinza, sujo
Ou empáfia de vermelho e dourado.
Ainda assim, umas coisas
Acostumadas com espelho:
Órfãs de estranhamento
Recusadoras de bom-senso.

A PEQUENA SEREIA NA COZINHA

Trocou a voz por um homem
E muda casou-se com ele
Não viu o naufrágio, viu âncora
Na tábua de corte
Perdeu
O rabo
E o desejo.

NEGAÇÕES

A velha morreu sozinha
Cachorro algum lhe lambeu as botas
Nem lhe mordeu as pantufas

Mulher feita de mármore
Quebrou a maca dos bombeiros
Que lhe quebraram a porta
Que nenhum filho atravessou

Amigo não conhecia
Ninguém que por ela chorasse
O toque mais profundo
Que foi a mão do legista.

A MÃE DO SENHOR

Nossa Senhora das Graças
Cantava canções de ninar
Agora não canta mais
Esqueceu-as faz muito tempo

É que o menino cresceu
E pra decepção da família
Meteu-se em arruaças
Andou em más companhias
E tornou-se subversivo:
Morreu espetado na cruz
E não foi a primeira vez!

Nossa Senhora das Graças
Cansada de perdoar
Setenta vezes sete
Resolveu endurecer
Até tornar-se pedra...

E pedra não canta.
Canta?

O FILHO DE SENHORINHA

Senhorinha caminha pela casa
Desarruma as coisas do filhinho como ele gosta
Faz uma bagunça imensa
E ralha:

– Não sai enquanto não arrumar essa bagunça!

Ah, Senhorinha vai para a cozinha, chateada
Filhinho é duro de obedecer
Depois de meia hora ansiosa
Senhorinha volta e sorri:

– Vou te ajudar, filhinho.

E Senhorinha arruma o quarto.

Nem vê que as roupas não crescem
Há vinte e dois anos.

VOVOZINHA DIABÉTICA

Esperar a neta
Esperar a neta
Quando da filha nada se deu senão

A neta
Aguardar que traga pãezinhos
Recheados com geleia

Não olhar para a filha
Os olhos
De lobo ferido

Da cama, a paisagem turva:
Vem sempre sozinha
A neta

Seu sorriso doce
É possível.

POR QUE ESCREVO

Serei uma fada
Com mãos de fada
Olhar de fada
Paciência de fada
Porque a verruga
A vassoura, a raiva
Descontei da bruxa
Na página.

ABRE-TE, SÉSAMO

O menino emprestou-se
Pra dizer o mais profundo de si
E desceu aos infernos.
De lá saiu dono
De duras verdades suas
E abriu as mãos
Com esses tesouros:
Duas lágrimas em pedra,
Um sorriso perdido,
Um dente sem fada.
Guardou-os, não tinha baú.
Incrustou-os nas entrelinhas
De suas pinturas rupestres.

JOÃOZINHO E MARIA

Por distribuirmos migalhas
Seguiram-nos
Todos os miseráveis
Famintos depois de comerem
Os passarinhos
E quando assustamos
Não tínhamos mais pão
Nem caminho.

A FLORISTA

Tanta coisa acontece enquanto como:

A digestão

A menina vendendo flor

Em botão

Enquanto como

Ela não come

Ela vende a flor

Que compro

E dou para ela mesma

E ela a vende, novamente

Na mesa ao lado.

GATA BORRALHEIRA EM TRÊS PEDAÇOS

Minha mão aprendeu
A dar-me prazer desde cedo
A de meu pai, por isto
A sorrar-me

Quando vi a casa rosa
Parecia de fantasma
Eu era o Camarada
E criei mais três
E brincávamos de solidão

Nos lotes baldios
Eu catava lata
A gata borralheira juntando moedas
Sonhando o vestido
E comprando o pão.

A MENINA DOS FÓSFOROS

Tenho os pés descalços
E uma caixa de fósforos
Meus olhos luzem como fogo tenho
Os pés descalços
E uma caixa de fósforos
Meus olhos querem incendiar o mundo tenho
Os pés descalços
E uma caixa de fósforos
No meu vestido surrado de uma menina maior que
[eu tenho

Os pés descalços
E uma caixa de fósforos
Hoje estou com muito frio não comi e nenhum sonho
[eu tenho

Os pés descalços
Na calçada fria posso me aquecer ou destruir tudo o que
[eu não tenho.

A FOME

Era empregada doméstica
Até que uma anomalia cresceu
Na barriga.
Um bicho dentro
E uma carta de demissão
Ao mesmo tempo.
Porrada e esporro.
O bicho tinha pai,
Que era um garçom
Apavorado com alienígenas.
Fugiu na primeira notícia
E abriu, bem longe, um restaurante.
O bicho era mesmo estranho
E não inaugurou com choro
O primeiro ato,
O que se ouviu
Foi um estrondo
No estômago.

OS TRÊS PORQUINHOS

Decepcionados com
Um mundo onde
Ou você come
Ou é comido
Os três porquinhos
Deliberaram
Sair da pocilga

À noite
Entraram na casa
E assaram os donos:

As maçãs nas bocas.

O DESEMPREGADO

Satanás saiu do céu
Por pura ociosidade
(Deus não delegava)

Veio ao homem
Para ocupar vaga
De alter ego

(não era empreendedor à altura)

Foi visto num banco de praça
Lendo os classificados.

NEM VINTE COLCHÕES DISFARÇAM O INCÔMODO

Ai, ai, ai
Tenho uma ervilha no sapato
Ai, ai, ai
E um calo no dedo
Como se fosse uma ervilha

Dói-me a perna
Embolou-me uma veia
O coágulo se deu em forma
De ervilha

Sente aqui? Pôs o dedo?
Ai, a pele desfaz-se como
Se bem cozidas estivessem
Ervilhas

Tudo o que como desce verde
Um amargor leve de feijão
Cru

E os cérebros que construíram esse mundo
Não deram nem para o começo.

DE MINERVA

Vi quatro corujas sobre o fio
Da Companhia de Energia Elétrica
Elas se entreolharam e penso
Que se tratava de um Comitê
De Deliberações Sobre Seres Humanos
Quando viram que eu as observava
Olharam-me repreensivamente
Com o medonho giro de cabeça
De trezentos e sessenta graus.

ERA UMA VEZ UM CASAL MUITO POBRE...

No vidro do laboratório
No quarto do hospital
Na porta da igreja
Na roda da Misericórdia
Na lata do lixo
Na barriga de aluguel
Na casa da tia
Na casa das tias
Na poeira da estrada
No meio da floresta
Nas células-tronco das
Placentas.

PÃO PARA SEIS

No bar do Seu Agostinho dependurava-se pães sovados

[num varal

Eu não sabia como, mas a conta de minha mãe também

[era pendurada

Éramos seis e só sabíamos comer o pão, macio

Que indiretamente a mãe sovava, sabe-se lá com que fome.

ZÉ PEQUENO

Fosse grande, do tamanho que nascem
Outros meninos, mas
Não!
Era pequeno
Do tamanho de um polegar

Sua mãe também era
Pequena
Menor que o polegar
Do seu amante que
Puxou o cão
Do revólver

Fosse, talvez nem tanto, eu disse grande?
Não. Fosse de tamanho normal,
Mas
Era pequeno irremediável

Quis crescer, ficar
Do tamanho do morro
E um dia tomou de assalto
O gigante
Ele e mais seis
Pequenos

Assistiu sem pena
O pai gigante assistindo a morte
Das suas sete
Pequenas.

CETICISMO

Sei que adoço
Que morro
Que choro
Sei que desapareço
Órfã de céus, infernos
Paraísos
Sei, e saber me torna
Impura
Da inocência de inventar histórias
De criar travesseiros de nuvens.

É SEMPRE LUA CHEIA

As feras na rua denunciam
E eu fujo, vejo
Que o mundo é ruim
Pois abriram os portões
Do zoológico e não
Alimentaram os leões.

Desvio o olhar e o chão o acolhe
(saudades)
Mas para onde corro desta multidão
De pés de cascos, patas de bode?
Escapo quando quase me alcançam
Mãos de gancho e me olham
Pupilas de vidro, chifres, ganidos
E ranger de dentes, todas as próteses
E mutilações ali na minha frente.

Tampam meus olhos minhas próprias mãos
Estas onde começam a nascer
Pelos.

O MORCEGO

O morcego e a sua sombra entram
Eles são dois e eu sou uma
Só
É minha a luz que
Devora-se a si mesma
Não sobra nada
Além do rato, da peste
E dos tempos soturnos
Em que asas brotavam
Membranosas, negras, bruxas
De geração espontânea.

ENQUANTO O SEU LOBO NÃO VEM

Chama-se Solidão, esta velha
Bateu na porta eu abri
Veste um xale preto esburacado
É curva, me olha como quem me acerta

Vai me levar pra bem longe hoje
Pega minha mãozinha vamos passear
Dar a volta num mundo vazio vazio
Só eu e ela, sua presença quase muda

É gelada na pele de cera o nariz adunco
E se sorri é só para me mostrar que tem dentes
E que eu não tenho como escapar quem me salve
Da infecção da sua mordida.

NAS NUVENS

Num dia em que Deus estava
Tranquilo e leve
Foi que criou nuvens
Há muito tempo
Antes de ficar olhando nossas caras
Envelhecerem
E nosso coração empedrar
Como os peitos das mulheres
Que não conseguem dar todo o leite
Naquele dia, ele gostou de se deitar
Nos tais vales verdejantes
E ver as nuvens brincando de Deus
Criando formas
E divertiu-se desta vez
E viu que era bom.

O ANJO SAMAEL APARECE NA PORTA

Samael magro como os ossos sem a carne
Sob o manto terroso de capuz apenas vejo
O maxilar
É a dor
É a dor
O ceifador que colhe e deixa cair
Saudade.

QUEM RI POR ÚLTIMO

Depois que morreu Atchim
Dunga, Zangado, Mestre
E em seguida, Soneca
Depois que Dengoso deixou de ser
Seu penúltimo álbum de memória

Feliz quis mudar de nome.

PINÓQUIO

Quente como o Inferno

A oficina

A multidão

De bonecos

Metade chora

O apavorante

Barulho

Das serras

A outra

Metade já fugiu

Com grilos

Para os quatro cantos (da mesma marcenaria)

Gepeto não para

Corta

A madeira, vê mais um

Menino

Os bonecos só vivem
Para um dia ser feitos
Da carne e do osso
De Gepeto

Ele mostra a lixa
E diz que
Será possível:
E seu nariz cresce.

QUE A CUCA VEIO PEGAR

Agora eu não tenho ninguém

Exatamente agora sou eu e eu:

Nana, neném.

Fábulas para adulto perder o sono

foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.

Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.

Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,
em Curitiba, no mês de novembro de 2013.



Vencedor na
Categoria Poesia

O **Prêmio Paraná de Literatura** — criado em 2012 pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná — busca valorizar e fortalecer a produção literária brasileira contemporânea. Em sua segunda edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Conto (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Cerca de 900 trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que definiu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública do Paraná e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



Biblioteca
Paraná



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

SECRETARIA DA CULTURA